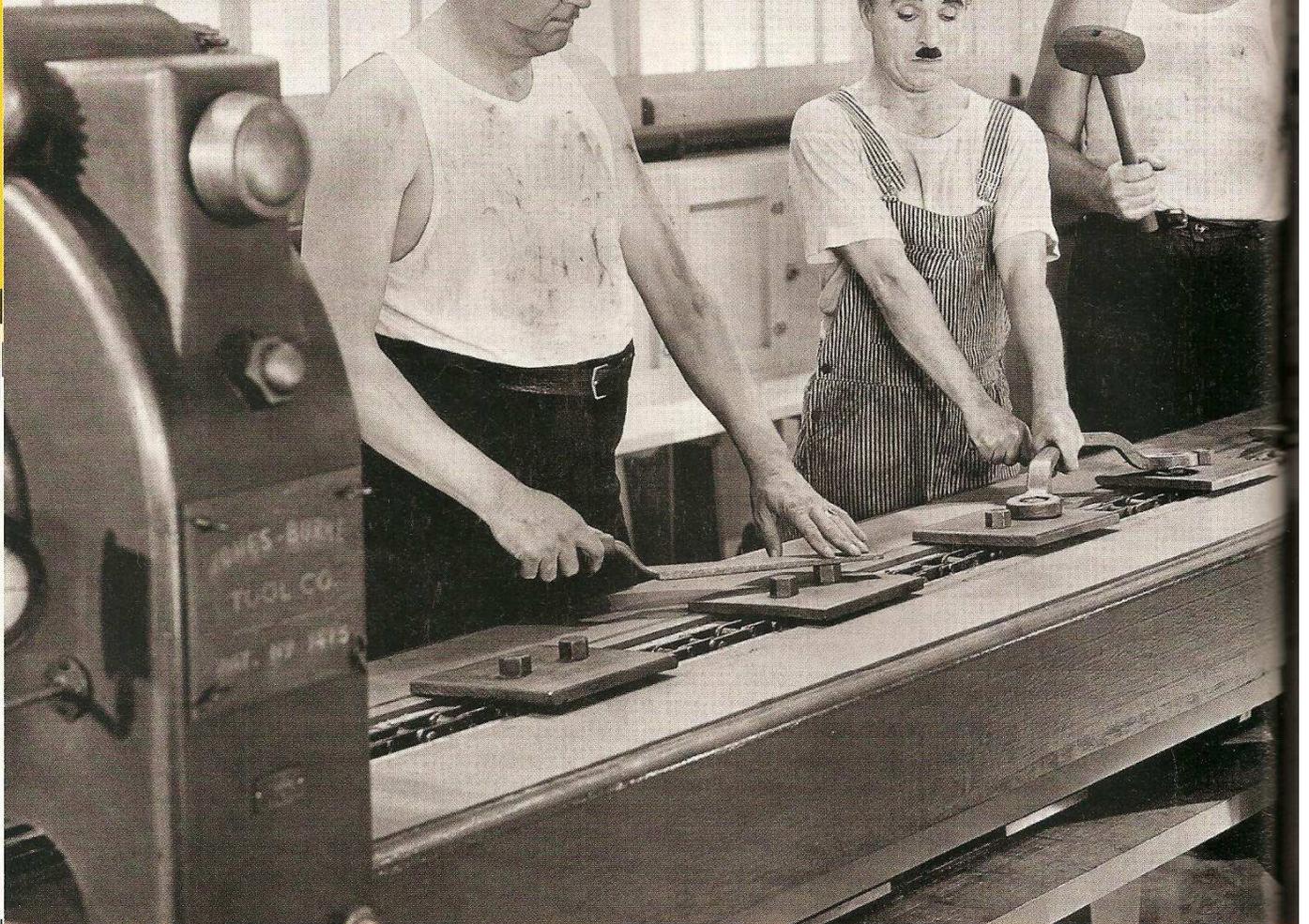
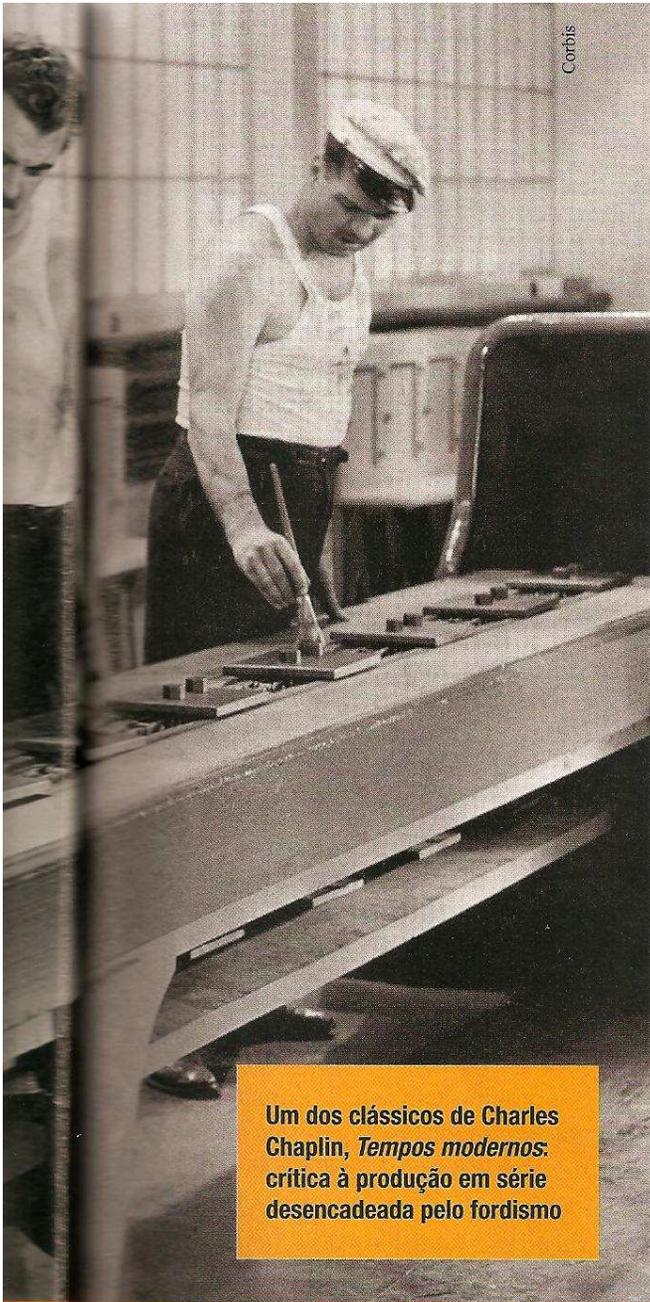


CARREIRA



Mercado em **mutação**



Um dos clássicos de Charles Chaplin, *Tempos modernos*, crítica à produção em série desencadeada pelo fordismo

As profundas mudanças nas relações trabalhistas tornaram possível investir em qualquer área de formação. Boa notícia para quem ainda tem que escolher o futuro profissional: mais oferta e menos pressão

Patrícia Junqueira

Escoger uma profissão é certamente uma das decisões mais delicadas na vida de uma pessoa. Ainda mais quando novas opções surgem a todo o momento, acompanhando as constantes mudanças do mercado de trabalho. Há 20 anos, por exemplo, empregos como os de *webdesigner* e técnico de redes de internet não existiam. O motivo? A rede de computadores como se conhece hoje não passava de um projeto.

“Atualmente, temos uma ampliação das relações de trabalho. Antigamente, ou se tinha um trabalho com carteira assinada, ou se era considerado um marginal”, explica a psicóloga e consultora de carreira Adriana Gomes. Hoje, isso mudou. “Há trabalhadores com carteira assinada, prestadores de serviço terceirizados, *free lancers* 📄: a flexibilidade amplia a possibilidade de prestação de serviços e diversifica a maneira de se inserir no mundo do trabalho”, diz Adriana. Mas não é de hoje que o mundo do trabalho se transforma.

Foi no século XVIII, com a Revolução Industrial, que as relações de trabalho mudaram radicalmente. A adoção de máquinas alterou a dinâmica do processo produtivo, afetando diretamente os trabalhadores. O trabalho essencialmente manual foi, pouco a pouco, substituído pelo mecânico e os homens perderam o controle sobre a produção. Para se adequar a esse novo contexto, artesãos e camponeses, que antes vendiam as mercadorias que produziam, se viram obrigados a vender sua força de trabalho em troca de um salário. Essa relação de venda de mão-de-obra continua até hoje. O que mudou foi a forma como ela acontece.

Tais mudanças surgidas com a chamada Era Industrial também alteraram as condições de vida das pessoas. A consequência mais notável foi o êxodo rural, com o deslocamento da população do campo para as cidades. Com mais gente nas cidades, mais serviços se tornaram necessários.

Desde então, o mercado de profissões não parou de crescer, conforme surgiram novas tarefas e a necessidade de profissionais capacitados a realizá-las. E o vestibulando deve estar atento a essas mudanças. “Novas tecnologias criam novas necessidades, isso sempre foi assim”, destaca o superintendente do Instituto Via de Acesso, Ruy Leal, para quem a grande quantidade de novas carreiras não deve ser

📄 Termo inglês para denominar o profissional autônomo, que se auto-emprega em diferentes empresas ou, ainda, guia seus trabalhos por projetos, captando e atendendo seus clientes de forma independente. É uma tendência muito em voga no mercado de jornalismo, design, propaganda, web, tecnologia da informação, música e muitos outros. (fonte: wikipédia)

um fator de crise para os jovens.

Na opinião de Adriana, eles esquecem que há novas carreiras e opções variadas de ocupação para cada uma delas e, na época do vestibular, acabam optando sempre pelas profissões tradicionais, como medicina, direito e engenharia. “Para muitas outras carreiras faltam profissionais. O jovem precisa entender que o mercado mudou, que o número de profissões mudou”, diz.

O sociólogo do trabalho e presidente do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), Alvaro Comin, completa. “Os novos trabalhos que surgem com as mudanças do mundo buscam nas carreiras uni-

sistema industrial criando a linha de produção em série, baseada na padronização dos processos e na especialização de funções por parte dos operários. Foi com sua linha de montagem que Ford conseguiu produzir em larga escala o Ford T, popularizando os automóveis. Charles Chaplin fez uma crítica ao fordismo no filme *Tempos modernos*, de 1936, em que o personagem é internado após trabalhar numa linha de produção.

Nos anos 50, quando a economia japonesa sofria com as conseqüências da Segunda Guerra Mundial, surgiu no país um sistema de gestão inovador. O fundador da Toyota,

base na formação de profissionais por meio da educação.

Mas, um diploma não define mais a profissão de uma pessoa. “Há 20 anos, a relação entre ensino superior e mercado de trabalho era mais direta. Quem se formava em engenharia, trabalhava como engenheiro”, diz o sociólogo Alvaro Comin. “Atualmente, muitos engenheiros têm sido aproveitados no setor financeiro, devido à forte base de cálculo e matemática que têm na faculdade”, completa.

Hoje, para estar bem colocado no mercado de trabalho, é preciso ser capaz de se adaptar a diversas situações, aplicando os conhecimentos adquiridos na universidade de forma flexível. “A formação é apenas um instrumento para realizar atividades profissionais”, explica Giselle Welter.

Isso acontece porque as relações trabalhistas tendem a se flexibilizar. “A carteira assinada dá garantias, mas existem pessoas que estão interessadas em outros benefícios que só uma relação de trabalho mais flexível oferece”, aponta Adriana. Fazer seus próprios horários e escolher os projetos aos quais quer se dedicar são alguns dos exemplos daquilo que um autônomo pode fazer.

O aumento do trabalho informal, temporário e autônomo, além do terceirizado, é uma realidade do mercado que o jovem tem que ter em mente ao decidir sua carreira. “Com a previsão do fim dos empregos formais, o importante passa a ser ter trabalho, não apenas emprego”, aponta a consultora de carreiras Maria Lucia Zerbini Pereira. “O importante é ter uma formação que possibilite ao profissional prestar serviços de forma

O AUMENTO DO TRABALHO INFORMAL É UMA REALIDADE QUE O JOVEM PRECISA TER EM MENTE AO DECIDIR SUA CARREIRA

versitárias pessoas preparadas para preenchê-los, enquanto não existem formações específicas,” diz.

Entre as novas profissões, ele destaca as ligadas à informática e as das áreas da saúde, como a Gerontologia, especializada no cuidado da população idosa.

Acompanhando a expansão do capitalismo e o fortalecimento econômico da burguesia, o sistema fabril evoluiu continuamente, atingindo seu ponto máximo no século XX. Em 1911, o americano Frederick Taylor introduziu a divisão do trabalho nas fábricas para organizar a produção, evitar o desperdício e aumentar a produtividade.

Nove anos depois, outro americano, Henry Ford, revolucionou o

Sakichi Toyoda, criou um modelo baseado na flexibilização da cadeia de produção, de forma a torná-la mais enxuta e ágil. A flexibilidade do modelo japonês fez com que ele fosse copiado pelo mundo, ao dar valor para o trabalho em equipe. “É preciso saber trabalhar em conjunto para saber lidar com pessoas de áreas diferentes”, diz a orientadora profissional e de carreira Giselle Welter.

Com o passar dos anos, a economia mudou seu foco da produção física de bens materiais para a manipulação da informação, marcando o fim da Era Industrial e o início da Era da Informação, cujo maior exemplo são os computadores pessoais, acessíveis a partir dos anos 80. Essa nova e atual Era tem sua

PARA AJUDAR NA PROVA

Veja a cronologia das mudanças das relações de trabalho elaborada com a ajuda da consultora de carreira Maria Lucia Zerbini Pereira.

ATÉ O SÉCULO XVII

PRODUÇÃO ARTESANAL: Em oficinas coletivas ou individuais, trabalhadores participam de todo o processo de produção.

SÉCULO XVIII

REVOLUÇÃO INDUSTRIAL: Surge a mecanização dos processos de produção e o trabalhador vende sua mão-de-obra.

1911

TAYLORISMO: O americano Frederick Taylor introduz a divisão do trabalho nas fábricas para organizar a produção, evitar o desperdício e aumentar a produtividade.

1920

FORDISMO: Henry Ford revoluciona o sistema industrial, criando a linha de produção em série, baseada na padronização dos processos e na especialização de funções por parte dos operários.

1950

PRODUÇÃO ENXUTA, OU TOYOTISMO: O fundador da Toyota, Sakichi Toyoda, cria um modelo baseado na flexibilização da cadeia de produção, de forma a torná-la mais enxuta e ágil.

ANOS 1970

ERA DA INFORMAÇÃO: Empresários passam a se voltar para a tecnologia. Bill Gates (foto) começa a desenvolver seu software para microcomputador e Steve Jobs funda a Apple.

ANOS 1980

TRABALHO EM EQUIPE: Empresas americanas copiam o sistema de gestão japonês e passam a valorizar o trabalho em equipe.

1997

MARCA CHAMADA VOCÊ: Consultor americano Tom Peters publica o artigo *A marca chamada você*, afirmando que o sucesso profissional vem apenas se formos os presidentes de nossa vida profissional. Ou seja, é fundamental viver de projetos próprios, como reflexo da redução dos empregos formais.

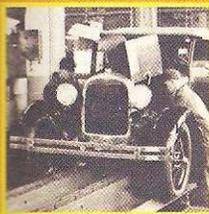
HOJE

TRABALHO 24/7: O trabalhador atual tem de estar antenado com a profissão 24 horas por dia, 7 dias por semana.

Herman Heybroeck/Reprodução



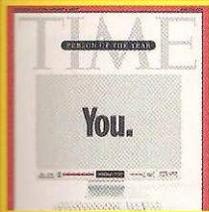
Reprodução



Romy Scheininger



Reprodução



autônoma, completa Giselle. “Hoje você tem que gerenciar sua carreira e ser o profissional conhecido como 24/7, ou seja, estar sempre ligado no que acontece com o trabalho”, diz Maria Lucia.

Investir em qualificações extra curriculares também conta pontos na formação profissional. “Experiências no exterior, mesmo que não sejam profissionais, são muito bem vistas, pois mostram a capacidade que o indivíduo tem de se adaptar a diferentes situações”, diz Comin.

E essa formação tem que começar cedo. “O jovem dedica pouco tempo ao mercado de trabalho, um mundo que ele nunca vivenciou”, aponta Ruy Leal, que defende que os estudantes façam um plano de vida que inclua carreira e trabalho e não só passar no vestibular. A psicóloga Adriana Gomes diz que um dos problemas é a falta de motivação. “No fim, os jovens estudam porque são obrigados, e não porque isso faz parte de um processo de escolha de carreira”, diz.

A solução? “Começar a investir um pouco de tempo para ver o que é o mundo do trabalho e o mercado”, diz Leal. “Quem não pensa sobre isso na hora certa, vai pensar mais tarde, quando tem mais chance de entrar em crise com a decisão tomada anteriormente”, aponta a psicóloga Yvette Lehman, coordenadora do Serviço de Orientação Profissional da USP. !